

608



P. 145

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.-	145
LIV.-	01
PAG.-	01
REG.-	004

Carimbo do S. C.

" O RIO "

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0100, p. 1/22
de JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Autuação

Anexos:

PEÇA TEATRAL

Distribuição

L I V R E

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

(2) *[Handwritten signature]*

Recife, 4 de dezembro de 1967

004/16x

Ao

Sr. Diretor de
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Nesta

Prezado Sr.:

O GRUPO CONSTRUÇÃO, tem o prazer de lhe enviar para os devidos fins de censura, a peça em um ato de João Cabral de Melo Neto - "O RIO", que será levada pelo referido grupo no dia 13.12.67 no Caxangá Golf Club, às 21 horas.

Segue três cópias de original e antecipadamente agradecemos sua valiosa atenção.

Cordialmente

Josefundo
p/ Grupo Construção.

*Liberado, sem restrições
stática. Emita-se certificado.
Em 13. dezembro. 1967*

*Chaplin des
(Censor Federal - 2095823)*

34

-01-

O RIO - João Cabral de Melo Neto

Da lagoa da Estaca a Apolinário

Sempre pensara em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
nascer já é caminhar.
Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar.
Sei que se sente o mesmo
e exigente chamar.
Eu já nasci descendo
a serra que se diz do Jacarará,
entre caraibeiras
de que só sei por ouvir contar
(Pois, também como gente,
não consigo me lembrar
dessas primeiras léguas
de meu caminhar).

LIVRE

Desde tudo que me lembro,
lembro-me bem de que baixava
entre terras de sede
que das margens me vigiavam.
Rio menino, eu temia
aquela grande sede de palha,
grande sede sem fundo
que águas meninas cobiçava.
Por isso é que ao descer
caminho de pedras eu buscava,
que não leito de areia
com suas bocas multiplicadas.
Leito de pedra abaixo
rio menino eu saltava.
Saltei até encontrar
as terras fêmeas da Mata.

Por detrás do que lembro,
ouvi de uma terra desertada,
deixada, não vazia,
mais que seca, calcinada.
De onde tudo fugia,
onde só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra ou de cabra.
Lá o céu perdia as nuvens,
derradeiras de suas aves.
As árvores, a sombra,
que nelas já não pousava.
Tudo o que não fugia,
gaviões, urubus, plantas bravas,
a terra devastada
ainda mais fundo devastava.

Os rios

-02-

Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo,
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios, todos com nome,
que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos sé com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.

De Poço Fundo a Couro d'Anta

A gente não é muita
que vive por esta ribeira.
Vê-se alguma caieira,
incendiando ainda mais a terra.
Vê-se alguma fazenda
com suas casas desertada
Vem para a veira da água,
como bichos com sede.
As vilas não são muitas
e quase todas decadentes.
Constam de poucas casas
e de uma pequena igreja,
como, no Itinerário,
já as descrevia Frei Caneca.
Nenhuma tem escola.
Muito poucas têm sua feira.

LIVRE

As vilas vão passando
com seus santos padroeiros.
Primeiro é Poço Fundo,
onde Santo Antonio tem capela.
Depois é Santa Cruz,
onde ao Senhor Bom Jesus se reza.
Toritama, antes Torres,
fes para a Conceição sua igreja.
A vila de Capado
chama-se pela sua nova capela.
Em Topada, a igreja
com um cemitério se completa.
No lugar Couro d'Anta
a Conceição também se celebra.
Sempre um santo preside
à invariável decadência.

Na estrada da ribeira
até o mar ancho vou.
Lado a lado com gente
no meu andar sem rumor.

54

-03-

Não é estrada curta,
mas é estrada melhor,
porque na companhia
de gente sempre é que vou.
Sou viajante calado,
para ouvir histórias bom,
a quem podeis falar
sem que eu tente me interpor.
Junto de quem podeis
pensar alto, falar só.
Sempre em qualquer viagem
o rio é o companheiro melhor.

Do riacho das Águas ao ribeirão do Mel
Caruaru e Vertentes
na outra manhã abandonei.
Agora é Surubim,
que fica do lado esquerdo.
A seguir João Alfredo,
que também passa longe e não vejo.
Enquanto na direita
tudo são terras de Limoeiro.
Meu caminho divide,
de nome, as terras que desço.
Entretanto a paisagem
com tantos nomes é quase a mesma.
A mesma dor calada,
o mesmo soluço seco.
Mesma morte de coisas
que não apodrece, mas seca.

Coronéis padroeiros
vão desfilando com cada vila.
Passam Cheos, Malhadinha,
muito pobres e sem vida.
Depois é Salgadinho
com suas águas curativas.
Depois é São Vicente,
muito morta e muito antiga.
Depois, Pedra Tapada,
com poucos votos e pouca vida.
Depois de Pirauíra,
há um só arruado seguido,
partido em muitos nomes,
mas também pobre e sem vida.
(Que há só esta resposta
à ladainha dos nomes destas vilas.)

Terras de Limoeiro

Vou na mesma paisagem
reduzida à sua pedra.
A vida veste ainda
sua mais dura pele.
Só que aqui há mais homens
para vencer tanta pedra,
para amassar com sangue
os duros cristais desta terra.

(6) H

-04-

E se aqui há mais homens,
estes homens mais conhecem
como obrigar o chão
com plantas que comem pedra.
Há aqui homens mais homens
que em sua luta contra a pedra
sabem como se armar
com as qualidades da pedra.

Dias depois, Limoeiro,
cortada a faca na ribanceira.
É a cidade melhor,
tem cada semana duas feiras.
Tem a rua maior,
tem também aquela cadeia
que Sebastião Galvão
chamou de segura e muito bela.
Tem melhores fazendas,
tem inúmeras bolandeiras
onde trabalha a gente
para quem se fez aquela cadeia.
Tem a igreja maior
que também é a mais feia,
e a serra do Urubu
onde pousam símbolos negros.

Porém bastante sangue
nunca existe, guardado em veias,
para amassar a terra
que seca até sua funda pedra.
Nunca bastantes rios
matarão tamanha sede,
ainda ~~xx~~ escancarada,
ainda sem fundo e de areia,
Pois aqui em Limoeiro,
com seu trem, sua ponte de ferro,
com seus algodoais,
com suas carrapateiras,
persiste a mesma sede,
ainda sem fundo, de palha ou areia,
bebendo tantos rios
extraviados nas capoeiras.

De Limoeiro a Ilhetas

Deixando vou agora
esta cidade de Limoeiro.
Passa Ribeiro Fundo,
onde só vivem ferreiros,
gente dura que faz
essas mãos mais duras de ferro
com que se obriga a terra
a entregar seu fruto secreto.
Passa depois Boi-Seco,
Feiticeiro, Gameleira, Ilhetas,
pequenos arruados
plantados em terra alheia,
onde vivem as mãos
que calçando aquelas de ferro

-05-

Vão retirar da terra
os alheios frutos do alheio.

O trem de ferro

Agora vou deixando
o município de Limoeiro.
Lá dentro da cidade
havia encontrado o trem de ferro.
Faz a viagem do mar,
mas não será meu companheiro,
apesar dos caminhos,
que quase sempre vão paralelos.
Sobre seu leito liso,
com seu fôlego de ferro,
lá no mar do Arrecife
chagará muito primeiro.
Sou um rio de várzea,
não posso ir tão ligeiro.
Mesmo que o mar os chame,
os rios, como os bois, são lentos.

Outra vez ouço o trem
ao me aproximar de Carpina.
Vai passar na cidade,
vai pela chão, lá por cima.
Detém-se raramente,
pois que sempre está fugindo,
evitando com pressa
as coisas de seu caminho.
Diversa da dos trens
é a viagem que fazem os rios.
Convivem com as coisas
entre as quais vão fluindo.
Demoram nos remansos
para descansar e dormir.
Convivem com a gente
sem se apressar em fugir.

De Ilhetas ao Petribu

Parece que ouço agora
que vou deixando o agreste:
"Rio Capibaribe,
que mau caminho escolheste.
Vens de terras de sola,
curtidas de tanta sede,
vais para terra pior,
que apodrece sob o verde.
Se aqui tudo secou
até seu núcleo de pedra,
se a terra é dura, o homem
tem ferro para defender-se.
Na Mata, a febre, a fome
até os ossos amolecem."
Penso: a rota do mar
é a melhor para os que descem.

-06-

No outro dia deixava
o agreste, na chã do Carpina.
Entrava por Paudalho,
terra já de cana e de usinas.
Via plantas de cana
com sua cabeleira ou crina,
muita folha de cana
com sua lâmina fina,
muita sóca de cana
com sua aparência franzina
e canas com pendões,
que são canas maninhas.
Como terras de cana
são muito mais brandas e femininas.
Foram terras de engenho,
agora são terras de usinas.

Outros rios

Foram terras de engenho,
agora são terras de usina.
É o que contam os rios
que vou encontrando por aqui.
Rios bem diferentes
daqueles que já viajam comigo.
A estes também abraço,
com abraço líquido e amigo.
Os primeiros, porém,
nenhuma palavra respondiam.
Debaixo do silêncio
eu não sei o que traziam.
Nenhum deles também
lembrar sequer parecia
o ancho mar do Recife
que os estava aguardando um dia.

Primeiro é o Petribu,
que trabalha para uma usina.
Trabalham para engenhos
o Apuá, e o Cursai.
O Cumbe, o Cajueiro
cresceram, como o Camilo,
entre cassacos do eito,
no mesmo duro serviço.
Depois é o Muçurepe,
que trabalha para outra usina.
Depois vem o Goitá,
dos lados da chã da Alegria.
Então, o Tapacurá,
dos lados da Luz, freguesia
da gente do senhor
que ia escrevendo o que eu dizia.

Conversa de rios

Só após algum caminho
é que alguns contam seu segredo.
Contam porque possuem
aquela pele tão espessa.
Porque todos caminham
com aquele ar descalço de negros.

(9) 11

-07-

Porque descem tão tristes
arrastando lama e silêncio.
A história é uma só
que os rios sabem dizer:
a história dos engenhos
com seus fogos a morrer.
Nelas existe sempre
uma usina e um bangué.
A usina com sua boca,
com suas várzeas o bangué.

A usina possui sempre
uma moenda de nome inglês.
O engenho, só a terra
conhecida como massapé.
E o que não pode entrar
nas moendas de nome inglês
a usina vai moendo
com muitos outros meios de moer.
A usina tem urtigas,
a usina tem morcegos,
que ela pode soltar
como amestrados exércitos,
para ajudar o tempo
que vai roendo os engenhos,
como toda já roeu
a casa do Poço do Aleixo.

Do Petribu ao Tapacurá

As coisas não são muitas
que vou encontrando neste caminho.
Tudo planta de cana
nos dois lados do caminho.
E mais planta de cana
nos dois lados dos caminhos
por onde os rios descem
que vou encontrando neste caminho.
E outras plantas de cana
há na ribanceira dos outros rios
que estes encontraram
antes de se encontrarem comigo.
Tudo planta de cana
e assim até o infinito.
Tudo planta de cana
para uma só boca de usina.

As casas não são muitas
que por aqui tenho encontrado.
Os povoados são raros
que a cana não tenha expulsado.
Poucas tem Rosarinho
e Desterro, que está pegado.
Paudalho, que é maior,
está menos ameaçada,
Paudalho esta cidade
construída num fundo valado

(10) H

-08-

com sua ponte de ferro,
que eu atravesso de um salto.
Santa Rita é depois,
ondê os trens fazem parada.
É com mêdo dos trens
que o canavial não a invade.

Descoberta da Usina

Até este dia, usinas
eu não havia encontrado.
Petribu, Muçurepe
para trás tinham ficado,
porém o meu caminho
passa ali muito apressado.
de Usinas só sabia
o que os rios tinham contado.
Assim, quando da Usina
eu me estava aproximando,
tomei caminho outro
do que vi o trem tomar.
Tomei o da direita,
que a cambiteira vi tomar,
pois desejava a Usina
mais de perto contemplar.

Vira a Usina comer
as terras que ia encontrando.
Com grandes canaviais
todas as várzeas ocupando.
O canavial é a boca
com que primeiro vai devorando
matas e capoeiras,
pastos e cercados.
Com que devora a terra
onde um homem plantou seu roçado.
Depois os poucos metros
onde ele plantou sua casa.
Depois o pouco espaço
de que precisa um homem sentado.
Depois os sete palmos
onde ele vai ser enterrado.

Muitos engenhos mortos
já passaram no meu caminho.
De porteira fechada,
quase todos foram engolidos.
Muitos com suas serras,
todos eles com seus rios,
rios de nome igual,
como crias de casa ou filhos.
Antes foram engenhos,
poucos agora são usinas.
Antes foram engenhos,
agora são imensos partidos,
Antes foram engenhos
com suas caldeiras vivas.
Agora são informes
carnes de corpos destruídos.

Encontro com uma usina

Mas na Usina é que vi
aquela boca maior
que existe por detrás
das bocas que ela plantou.
Que come o canavial
que contra as terras saltou,
que come o canavial
e tudo o que ele devorou.
Que come o canavial
e as casas que ele assaltou,
que como o canavial
e as caldeiras que sufocou.
Só na Usina é que vi
aquela boca maior,
a boca que devora
bocas que devorar mandou.

Na vila da Usina
é que fui encontrar a gente
que ~~xxxxx~~ as canas expulsaram
de vazantes e ribanceiras.
Vi então que aquela gente
na boca da Usina são os dentes
que mastigam a cana
que mastigou antes tanta gente.
Que mastigam a cana
que mastigou anteriormente
as moendas dos engenhos
que mastigavam sua mesma gente.
Então vi que nos homens,
naqueles tão frágeis dentes,
está a força melhor
das estrangeiras moendas.

Por esta grande usina
olhando com cuidado eu vou.
Que esta foi a usina
que toda a Mata dominou.
Numa usina se aprende
como a carne mastiga o osso,
se aprende como mãos
amassam a pedra pior.
Numa usina se assiste
à dolorosa vitória
do brando sobre o duro,
do grão reduzindo a mó.
Numa usina se assiste
à lentíssima vitória
que é a da pedra dura
furada pelo suor.

Para grás vai ficando
a triste povoação daquela usina,
onde vivem os dentes
com que a fábrica mastiga.
Dentes frágeis de carne
que não duram mais de um dia.

-10-

Dentes são que se comem
ao mastigar para a Companhia.
São gente que cada ano
o tempo da safra é que vive,
que, da braça da vida,
só vive uma curta medida.
Vi homens de bagaço,
enquanto por ali discorria.
Vi homens de bagaço,
que húmida morte embebia.

E vi todas as mortes
em que esta gente vivia.
Vi a morte por crime
pingando a hora na vigia.
A morte por desastre,
com seus dentes tão precisos,
como um braço se corta,
cortar bem rente muita vida.
Vi a morte por febre,
precedida de seu assobio,
consumir toda a carne
com seu fogo que por dentro é frio.
Esta não é a morte
de planta que seca ou de rio.
É morte que apodreco,
morte natural em usina.

Da Usina a São Lourenço da Mata.

Agora vou deixando
a povoação daquela usina.
Outra vez vou baixando
entre infindáveis partidos.
Entre os mares de verde
que sabe pintar Cícero Dias,
pensando noutro engenho
devorado por outra usina.
Entre colinas mansas
desta terra sempre em cio,
que o vento com carinho
penteia como sua filha.
Que nem ondas de mar,
multiplicadas, elas se estendiam.
Ondas do mar tranquilo
que vou conhecer um dia.

A tarde deixo os mares
daquela mencionada usina.
Vou entrando nos mares
de algumas outras usinas.
Sei que ~~xxxx~~ antes esses mares
inúmeros se dividiam
até que um mar mais forte
os mais fracos engolia.
(E já só grandes mares
a Mata agora dominam.)

Mas o mar obedece
a um profundo destino
e o grande mar de cana,
como o verdadeiro, algum dia,
será uma só água
em toda esta comum cercania.

De São Lourenço à Ponte de Prata

Vou pensando no mar
verde que ainda estou vendo.
Em toda aquela gente
numa terra tão viva morrendo.
Através deste mar
vou chegando a São Lourenço,
que de longe é como ilha
no horizonte de cana aparecendo.
Através deste mar,
como um barco na corrente,
apesar de ser rio,
que vou navegando pareço.
Cortando este oceano
até o Recife irai,
que as ondas deste mar
somente lá se detêm.

Ao entrar no Recife
não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
que comigo baixou
por esta velha estrada
que vem do interior.
Entram comigo rios
a quem o mar chamou,
entra comigo a gente
que com o mar sonhou
e também retirantes
em quem só o suor não secou,
e entra essa gente triste,
a mais triste que já baixou,
a gente que a usina
depois de mastigar largou.

Entra a gente que a usina
depois de mastigar largou.
Entra x aquele usineiro
que outro maior devorou.
Entra esse banguêzeiro
reduzido a fornecedor.
Entra detrás um destes
que agora é um simples morador.
Detrás, o morador
que nova safra já não fundou.
Entra, como cassaco,
esse antigo morador.
Entra, enfim, o cassaco
que por todas aquelas bocas passou
Detrás de cada boca
ele vê que há uma boca maior.

Da Ponte de Prata a Caxangá

A gente das usinas
foi mais um afluente a engrossar
aquele rio de gente
que vem de além do Jacarará.
Pelo mesmo caminho
que venho seguindo desde lá,
vamos juntos, dois rios,
cada um para seu mar.
O trem outro caminho
tomou na Ponte de Prata.
Foi por Tijipió
e pelos mangues de Afogados.
Sempre com retirantes,
vou pela Várzea e Caxangá,
onde as últimas ondas
de cana se vêm espraíar.

Entra-se no Recife
pelo engenho São Francisco.
Já em terras da Várzea
está São João, uma antiga usina.
Depois se atinge a Várzea,
a vila propriamente dita,
com suas árvores velhas,
que dão uma sombra também antiga.
A seguir, Caxangá,
também velha e recolhida,
onde começa a estrada
dita Nova ou de Iputinga,
que quase recta à cidade,
que é o mar a que se destina,
leva a gente que veio
baixando em minha companhia.

Vou deixando à direita
aquela planície aterrada
que desde o sul de Olinda
até os Montes Guararapes,
e que de Caxangá
até o mar oceano,
para formar o Recife
os rios vão sempre atulhando.
De água densa de terra
onde muitas usinas urinaram,
água densa de terra
e de muitas ilhas grávida.
Com substância de ilhas
é que os rios a vão aterrando.
Com substância da vida
que os homens lá vão deixando.

De Caxangá a Apipucos

Até aqui as últimas
ondas de cana não chegam.
Agora o vento sopra
em folhas de um outro verde.

15

-13-

Fôlhas muito mais finas
as brisas daqui penteiam.
São cabelos de moças
que vêm cortar capinheiros.
São cabelos de moças
ou de bacharéis em direito
que devem habitar
naqueles sobrados tão pitorescos.
(Pois os cabelos da gente
que apodrece na lama negra
geram folhas de mangue,
que são muito mais duras e grosseiras.)

De Apipucos à Madalena

Agora vou entrando
no Recife pitoresco,
sentimental, histórico,
de Apipucos e do Monteiro.
Do Poço da Panela,
da Casa Forte e do Caldeirão,
onde há poças de tempo
estagnadas sob as mangueiras
De Sant'Ana de Fora
e de Sant'Ana de Dentro,
das muitas olarias,
rasas com medo do vento.
E mais sentimental,
histórico e pitoresco
vai ficando o caminho,
caminho da Madalena.

Um velho cais roído
e uma fila de oitizeiros
há na curva mais lenta
do caminho na Jaqueira,
onde (não mais está)
um menino bastante guenzo
de tarde olhava o rio
como a um filme de cinema.
Via-me, rio, passar
com meu variado cortejo
de coisas vivas, mortas,
coisas de lixo e despejo.
Viu o mesmo boi morto
que Manuel viu numa cheia,
viu ilhas arrancadas
de esfoladas ribanceiras.

Vi muitos arrabaldes
ao atravessar o Recife.
Alguns na beira da água,
outros no alto de colinas.
Muitos no alto de cais
com casarões de escadas para o rio.
Todos sempre ostentando
suas ulceradas alvenarias.
Todos porém no alto
de sua gasta aristocracia.

Todos bem orgulhosos,
não digo de sua poesia,
sim, da história doméstica
que estuda para descobrir, nestes dias
como se palitavam
os dentes nesta freguesia.

As primeiras ilhas

Rasas na altura da água
começam a chegar as ilhas.
Muitas a maré cobre
e horas depois ressuscita.
(Porém depois que afloram
outra vez à luz do dia
voltam com chão mais duro
do que o que dentes havia.)
Rasas na altura da água
vê-se brotar outras ilhas.
Ilhas que não têm nome,
ilhas ainda não de todo paridas,
Ilha do Leite, do Maruim:
o touro da maré
já não as precisa cobrir.

O outro Recife

Casas de lama negra
há plantadas por estas ilhas.
Na enchente da maré
elas navegam como ilhas.
Casas de lama negra
daquela cidade anfíbia
que existe por debaixo
do Recife contado em Guias.
Nela desagua a gente
(como no mar desaguan rios)
que de longe desceu
sempre em minha companhia.
Nela desagua a gente
de vida tão imprecisa,
no solo temporão
entre água e terra indeciso.

Dos Coelhos ao cais de Santa Rita

Mas deixo essa cidade.
Dela mais tarde contarei.
Vou naquele caminho
que pelo hospital dos Coelhos,
por cais de que as vazantes
exibem gengivas negras
leva àquele Recife
de fundação holandesa.
Nele passam as pontes
de robustez portuguesa.
Anúncios luminosos
com muitas palavras inglesas.
Passa ainda a cadeia,
passa o Palácio do Governo,

(17) H

-15-

ambos robustos, sólidos,
plantados no chão mais seco.

Rio lento de várzea,
vou agora ainda mais lento,
que agora minhas águas
de tanta lama me pesam.
Vou agora tão lento,
porque é vida o que carrego.
Vou carregado de ilhas,
recolhidas enquanto desço.
De ilhas de terra preta,
imagem do homem aqui de porto
é do homem que encontrei
no meu já longo trajecto.
(Pois a dor desses homens
me impõe também esta aparência
severa, quase lama,
de tão pesada e tão densa.)

Vão desfilando cais
com seus sobrados ossudos.
Passam muitos sobrados
com seus telhados recurvos.
Passam, muitos mais baixos,
os armazéns de açúcar do Brum.
Passam muitas barcaças
para Itapissuma, Igarapé.
No cais de Santa Rita,
enquanto vou norte-sul,
surge o mar, afinal,
como enorme montanha azul.
No cais, Joaquim Cardoso
morou e aprendeu a luz
das costas do nordeste,
máneral de tanto azoul.

As duas cidades

Mas antes de ir ao mar,
onde minha fala se perde,
vou contar da cidade
habitada por aquela gente
que veio meu caminho,
de quem fui o confidente.
Lá pelo Beberibe
aquela cidade também se estende.
Pois sempre junto aos rios
vem-se fixar aquela gente.
Sempre perto dos rios,
amigos de antigamente,
como se não pudessem,
por um minuto somente,
dispensar a presença
de seus conhecidos de sempre.

Conheço todos eles,
do sertão e da caatinga.

(18) #

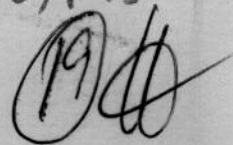
-16-

Gente também da mata
vomitada pelas usinas.
Gente também daqui,
que trabalha nestas usinas,
que aqui não moem cana,
moem coisas muito mais finas.
Muitas eu vi passar,
fábricas como por aqui se apolitam.
Têm chaminés de usina,
são iguais também por famintas.
Só que as enormes bocas
que existem aqui nestas usinas
encontram muitas pedras
dentro de sua farinha,

A gente da cidade
que há no avesso do Recife
tem em mim um amigo,
o seu mais íntimo amigo.
Vivo com esta gente,
entro-lhe pela cozinha,
como bicho de casa
penetro nas camarinhas.
As vilas que passei
sempre abracei como amigo.
Desta vila de lama
é que sou mais do que amigo:
sou o amante, que abraça
com corpo mais confundido;
sou o amante, com ela
leito de lama dívido.

Tudo o que encontrei
na minha longa descida,
montanhas, povoados,
caieiras, viveiros, olarias,
mesmo esses pés de cana
que tão iguais me pareciam,
tudo levava um nome
com que poder ser conhecido.
A não ser esta gente
que pelos mangues habita.
Estes são gente, apenas,
sem um nome que os delimite:
Que os distinga na morte,
que aqui é anónima e seguida.
São como ondas de mar,
desaparecendo sucessivas.

A não ser esta cidade
que vim encontrar sob o Recife.
Sua metade podre,
que com lama podre se edifica.
É cidade sem nome,
sob a capital tão conhecida.
Se é também capital,
será capital mendiga.
É cidade sem ruas



-17-

e sem casas que se digam.
De outra qualquer cidade
possui apenas polícia.
Desta capital podre
só as estatísticas dão notícia,
ao medir sua morte
(pois não há o que medir em sua vida).

Conheço toda a gente
que desagua nestes alagados.
Não estão no alto de cais,
vivem no nível de lama e de água.
Gente de olho perdido,
olhando-me sempre passar,
como se eu fosse trem
ou carro de viajar.
É gente que assim me olha
desde o sertão do Jacarará.
Gente que sempre me olha
como se, de tanto me olhar,
eu fizesse o milagre
de, num dia ainda por chegar,
levar todos comigo,
retirantes para o mar.

Os dois mares

A um rio sempre espera
um mais vasto e ancho mar.
Para a gente que desce
é que nem sempre existe tal mar.
Pois eles não encontram,
na cida de que crêem seu mar,
senão outro deserto
de pântanos perto do mar.
Por entre esta cidade
ainda mais lenta é minha pisada.
Retardo quanto posso
os último dias da jornada,
Não há talhas que ver,
muito menos o que tombar.
Há apenas esta gente
e minha simpatia calada.

Oferenda

Já deixando o Recife,
entro pelos caminhos comuns do mar,
entre barcos de longe,
sábios de muito viajar,
junto desta barcaça
que vai no rumo de Itamaracá,
lado a lado com rios
que chegam do sul com o Jiquiá.
Ao partir companhia
desta gente dos alagados,

que lhe posso deixar,
que conselho, que recado?
- Sômente a relação
do nosso comum retirar.
Só esta relação
tecida em grosso tear.

O Rio ou relação da viagem que faz o Capibaribo
de sua nascente à cidade do Recife.
Poema de João Cabral de Melo Neto.
Em 1953.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0100, p 21

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



21
H

N.º DE REGISTRO 004/67

TÍTULO **DA PEÇA:** - "O RIO" -

~~XXXXXXX~~ AUTOR: - JOÃO CAIRAL DE MELO NETO -

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46,
e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 13 de DEZEMBRO de 19 68

Brasília, 13 de dezembro de 19 67

LIVRE

Conf. Paulo de Aguiar de
Chefe do S. C. D. P.

CERTIFICADO N.º **004/67****PEÇAS TEATRAIS**

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes~~,
 encontrei sob o n.º **004/67**, livro **01**, o registro da ~~filme~~ **PEÇA**
 denominada **- RIO -**

~~filme~~ **Autor: JOÃO CABRAL DE MELO NETO**
 com ~~01~~ **01** cópias, censurada em **13** de **DEZEMBRO** de 19 **67**

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que a referido ~~filme~~ **PEÇA**,
 de acôrdo com o ~~artigo 1º do Decreto nº 24.642, de 27 de dezembro de 1966~~
ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11/67,
FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, SEM
NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE (LIVRE).

Brasília, **13** de **DEZEMBRO** de 19 **67**